



AS MULHERES ANCESTRAIS. REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NAS PINTURAS RUPESTRES DE SÃO RAIMUNDO NONATO – PI

Michel Justamand

INTRODUÇÃO

Há muitos anos se desenvolvem pesquisas científicas, especialmente arqueológicas, em São Raimundo Nonato no estado do Piauí. Essas pesquisas, na cidade, tiveram início graças à preocupação dos moradores em entender o que significavam as cenas rupestres plasmadas nas rochas de seu entorno. Conheciam-nas há muito tempo, mas foi somente nos anos 60 do século XX que esses vestígios foram mostrados a especialistas. Esses foram os arqueólogos do Museu Paulista, localizado no bairro do Ipiranga, na cidade de São Paulo, e também conhecido pelo nome do bairro. Um deles era a arqueóloga Niède Guidon. Foi a primeira especialista a tomar conhecimento dos vestígios de São Raimundo Nonato-PI.

Desde o primeiro momento, Guidon se interessou por conhecer a região e seus “monumentos” arqueológicos, as pinturas rupestres, que se tornariam objetos de sua tese de doutorado e de livre-docência; e ainda em um enorme número de artigos. Além disso, e também teses de outros pesquisadores do Parque Nacional da Serra da Capivara – PARNA.

As pinturas rupestres do sudoeste do Piauí foram reveladas, reconhecidas e apresentadas ao mundo acadêmico científico, a partir desse conhecimento – o de que houve história muito antes de 1500 na região. Passou-se, dessa forma, a estudar com maior profundidade os sítios arqueológicos. Alguns já há muito tempo conhecidos pelos habitantes da região. Depois outros tantos foram “encontrados”. Graças à quantidade de sítios e de vestígios ancestrais se fizeram necessárias prospecções e escavações em muitos desses locais.

O fato de serem inúmeros sítios, contam-se mais de 1300, por si só, justificavam as pesquisas intensificadas na região. Para ali, se dirigiram os mais diversos especialistas, de todas as áreas: humanas, exatas e biológicas. Os pesquisadores de química e física contribuíram com as datações dos vestígios humanos nos sítios arqueológicos da região, sendo que, em especial, estão Boqueirão da Pedra Furada – BPF, onde tem sido gerada a maior polêmica da Arqueologia da América, se não for uma das maiores do mundo. A questão das origens humanas no continente.





Graças a ali ter se localizado a sequência mais antiga da presença humana na região, e também a do país. O BPF é o sítio arqueológico que revelou a maior quantidade de vestígios científicos significativos com datações muito elevadas, algumas podendo chegar a mais de 50 mil anos ou mais, gerando, claro, muita discussão. Evidente que em todos os casos encontramos divergências e desacordos sobre os vestígios e suas datações, ainda mais quando envolvem questões externas às acadêmicas (GOSDEN, 2012, p. 71). Como infelizmente parece ser o caso do BPF e para a região do sudoeste piauiense.

Os vestígios rupestres, em especial, são encontrados hoje em mais de 900 sítios dos citados dentro do parque. As pinturas rupestres apresentam um infinito número de cenas de representações do cotidiano, como as cenas de sexo, de amamentação, de lutas, individuais, geométricas, de relações sociais, de malabarismos, partos e ou do feminino (MARTIN, s/data). As cenas de representação do feminino são as que abordaremos nesse estudo. Não podemos deixar de citar a história a que tais imagens estão associadas, como vestígios e nem que os grupos produtores têm seus “representantes”, alguns remanescentes ancestrais, ainda vivos e lutando internacionalmente, inclusive, por suas terras, suas heranças culturais e os seus direitos.

Há trabalhos iniciados, já nos anos 70, do século XX, na região piauiense de São Raimundo Nonato. Entre as maiores preocupações da FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano está a manutenção e a preservação dos vestígios arqueológicos. A fundação tem, ainda, como objetivo fundamental, registrar que tudo isso existiu. Registrar na História do país que o que se fez ali foi parte de uma história muito maior, faz parte da história humana. História construída pelos nossos ancestrais com um enorme legado sociocultural.

VESTÍGIOS QUE CONTAM HISTÓRIAS

No PARNA, parece-nos, que foi construída uma parte significativa da História, ou ainda a mais antiga do país. Fundada na de muitas histórias pessoais e grupais. Compondo nossos saberes e heranças ancestrais, muitos deles repassados de geração em geração e sendo aproveitados até hoje. Narrativas que começam a ser contadas muito antes de 1500. Evidentemente que outros vestígios das diversas partes do país também confirmam a composição da nossa história comum.





Entendemos que os vestígios deixados, desde tempos imemoriais, encontrados nas terras brasileiras, são de importância social para todos e conservá-los é de interesse da nação. Conservá-los não é apenas uma questão de desejo de uma pequena parte de pesquisadores que tem neles seus objetos de estudo. Conservar o patrimônio arqueológico é antes de tudo uma questão política (FUNARI, 2007, p. 59), ética, moral e de respeito histórico com os primeiros habitantes e seus remanescentes.

Fatos inclusive previstos nas últimas considerações internacionais dos direitos dos povos indígenas e a preservação dos seus conhecimentos, culturas e tradições, como a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, adotada a partir de 13 de dezembro de 2007 (DECLARAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS, 2007).

Prevê-se nesta declaração, por exemplo, em suas considerações iniciais, que se deve respeito aos conhecimentos tradicionais, às culturas, às práticas, e mais, que esses aspectos sociais são uma contribuição ao desenvolvimento de todos no mundo.

Afirma em seu artigo oitavo que os povos indígenas têm o direito a não sofrer assimilação forçada e ou destruição de suas culturas. No artigo décimo primeiro trata da situação dos vestígios arqueológicos, alvo e objeto principal desse artigo. Explica que os povos indígenas, ocupantes de locais com esse tipo de vestígio, têm o direito de manter, proteger e desenvolver as manifestações passadas, presentes e futuras de suas culturas. Como são esses sítios e seus vestígios. Têm direito a manter vivos para contarem e recontarem a sua história, conhecerem seus utensílios, desenhos, cerimoniais, tecnologias, artes visuais e, dessa forma, permitir que outros estudiosos (pesquisadores e outros interessados) também interpretem, conheçam e analisem as nossas importantes heranças ancestrais.

Os povos indígenas, de todo o mundo, ainda têm o direito de manifestar, praticar, desenvolver e ensinar suas tradições, costumes e cerimoniais espirituais e religiosas. Alguns desses aspectos criados e mantidos desde há milhares de anos. Por esses motivos é de primordial importância a manutenção das pinturas rupestres, como patrimônios imemoriais dos grupos que viveram em terras brasilis. Nos locais onde há uma grande incidência de pinturas, algumas vezes são feitos rituais ainda hoje, por esses povos. Ou seja, são locais sagrados os sítios com pinturas rupestres, para muitos grupos. Não é o caso do Parque Nacional Serra da Capivara no Piauí, ali não há a presença indígena.





Esperamos colaborar para que esses direitos dos povos indígenas sejam obedecidos e respeitados e que os vestígios mais antigos da presença humana em terras hoje chamadas de Brasil tenham o seu devido local na Cultura Nacional. Somos contra a permanência do ostracismo dos grandes manuais didáticos, como já afirmamos antes (JUSTAMAND, 2012), que escondiam as “vozes” originais inscritas na terra, desde os tempos ancestrais.

A CULTURA EM EBULIÇÃO

Houve uma grande revolução cultural, social e artística, há mais ou menos 40 mil anos. Revolução propiciadora de alterações em nossos organismos sociais e também biológicos., segundo diversos autores e pesquisas. Assim, as nossas mentes e mãos produziram, a partir de então, objetos, ferramentas e artes nunca imaginados antes. E, por meio desses utensílios, nossos ancestrais deixaram inúmeros vestígios. Foi à revolução sem a qual nenhuma outra teria existido (KLEIN e EDGAR, 2005, p. 224). Um desses vestígios são as pinturas rupestres.

Busca-se tentar entender a diversidade do homem enquanto ser humano, a partir de sua organização do espaço que usa. As pinturas podem contribuir para esse entendimento. Encontrar os autores rupestres é impossível, já passaram dessa para outra situação. Assim, será possível apenas observar o uso e a administração desses espaços (BASTOS, 2010, p. 261).

Para Eder Sader (2004, p. 55/64), quando esse escreve sobre os historiadores, assinala que em seus pontos de vista e ações como produtores de conhecimento, se faz necessário rever a legitimidade dos temas, contatos e abordados por esses “atores” sociais. Eles, os historiadores, não têm toda a legitimidade social que, muitas vezes, lhes é conferida como sendo os portadores das “vozes” de uma verdade incontestável. Sader lembra que é preciso modificar o modo de ver o passado e como é contato e recontado. Pois é feito, infelizmente, segundo um ponto de vista em que não aparecem os enfrentamentos de classes e ou de grupos sociais. Exige que seja preciso desvendar e desnudar as realidades ofuscadas pelos discursos dos vencedores. Para os vencidos se faz necessário dar voz e vez. Possibilitar condições que outros apresentarem suas palavras e de descreverem seus saberes. É o que buscamos dar voz e vez aos esquecidos, nesses escritos que seguem especialmente das mulheres que muitas vezes são esquecidas dos discursos da História mais antiga.





Haveria sim outro passado a ser revelado e mostrado para a maioria da população mundial (JUSTAMAND, 2012, p. 87). Como mostram as cenas de pinturas rupestres em suas muitas representações, sendo que as de antropomorfos femininos são uma delas. Também há os discursos dos vencidos, esquecidos, abandonados, excluídos, entre outros do país. Tais narrativas foram há muito tempo encobertas, mas muitas delas estão plasmadas em nossas origens e memórias ancestrais nas rochas do país e no estado do Piauí, em especial.

AS PINTURAS RUPESTRES E SUAS FUNÇÕES

Por que então estudar em História Social os afazeres cotidianos das mulheres de muito antes de 1500? Tentaremos respondê-la com argumentos baseados na proposta de que o historiador se faz na caça do que lhe é cotidiano, mas não transforma o cotidiano em sua História, ou em seu benefício (AVELINO e FLÓRIO, 2009, p. 291). Afirmo ainda que um acontecimento somente tem sentido histórico quando ocorre em uma série e quando tais séries são indefinidas. É como ocorre com as pinturas rupestres que compõem uma série e tem uma série dentro da outra. Séries que são representadas pelas tradições rupestres e suas subtradições de pinturas.

A História não se debruça na originalidade dos acontecimentos, mas antes de tudo em suas especificidades (IDEM). As pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – PI tem suas especificidades, como são as cenas representativas as mais variadas, como citadas acima, tendo as do feminino nosso centro nas próximas linhas. Nas cenas de representação feminina são mostrados: partos, amamentações, sexo e danças (JUSTAMAND, 2010) e os cuidados com a família (IDEM, p. 94). Avelino salienta ainda que a escolha dos acontecimentos e/ou documentos é uma questão de cada historiador. Lembra que a História é, na verdade, um caleidoscópio em que se faz necessário a reflexão crítica, notadamente, nas entrelinhas (IDEM, p. 291).

Marc Augé, completando as propostas acima, sugere uma definição de História que interessa aos nossos postulados como sendo a recuperação do passado no presente (AUGÉ, 2007, p. 14). É esse o objetivo que se visa com a apresentação das cenas rupestres, em especial, as cenas com a presença do feminino. Recuperar esse passado vivido há milhares de anos no solo piauiense em suas atribuições, especificidades, mas também o que pode servir de exemplo para a nossa sociedade atual.





Todos os grupos humanos e em qualquer época ou locais ambicionaram exprimir em suas formas o tempo (JUSTAMAND, 2010, p. 19). Ou seja, todos os grupos procuraram mostrar suas histórias para si mesmos, e também para outros. Mostraram as histórias e os acontecimentos mais significativos do meio em que viveram (JUSTAMAND, 2012, p. 88). Assim, deixaram

testemunhos de suas gerações para as próximas.

Justificam-se ainda tais estudos históricos porque existem hoje muitas pesquisas e interesses pelas artes indígenas (CANEVACCI, 2001, p. 180). Esses interesses estão dispostos a mostrar um reconhecimento dessa arte ancestral. Mais do que isso, o reconhecimento de que essas artes sejam uma continuidade da que já se fez muito tempo antes que suas produções ancestrais e ou atuais sejam reconhecidas dentro dos padrões artísticos. Por outro lado, por que afinal não seriam? Somente se for por discriminação étnica e cultural. Algo que somos contrários! Não aceitamos que haja preconceito por quaisquer que sejam os motivos.

Os “ditos” índios criam e recriam suas obras de arte que são portadoras de uma relevante especificidade histórica e cultural (IDEM). Algumas dessas criações baseiam-se nos vestígios arqueológicos tendo nas pinturas rupestres uma das influências para suas obras. Muitos desses grupos produzem suas culturas em outros suportes, mas há continuidades culturais observáveis em suas obras.

A LUTA FEMININA E AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO RUPESTRE

Conforme citado acima, escolhemos como objeto apresentar as pinturas rupestres com cenas antropomórficas do feminino e suas interpretações culturais. Mas por que apresentar o feminino nas cenas rupestres? Por ser uma forma de apresentar e despertar nos olhos um outro contexto histórico, vemos modos de vida alternativos aos que conhecemos e concebemos para as relações entre os gêneros e, dessa forma, incorporar as críticas feitas ao longo da história das mulheres e de seu movimento social, tendo em vista melhorar as relações entre os gêneros, ao menos a nosso ver.

Outro motivo de tratar da questão da representatividade do feminino nas cenas rupestres é porque lutar pelos direitos dos excluídos (como as mulheres, os negros, os homossexuais – entre as diversas escolhas e opções sexuais, pelos direitos dos que são portadores de necessidades





especiais e outros) é lutar por mais democracia. É também lutar por mais aprofundados e ampliados compromissos em nome da maior igualdade de direitos (JOHNSON, 2010, p. 14).

As lutas pelos direitos das mulheres dentro do movimento feminista também tem contribuído para um maior reconhecimento e uma melhor compreensão de que há mais resultados positivos nas relações baseadas no apoio mútuo (IDEM), como deve ter sido há milhares de anos. Ou seja, o apoio entre homens e mulheres. Apoio que para essa pesquisa tem suas origens nas memórias ancestrais.

Estudar e lutar por melhores condições para as mulheres na sociedade e no mundo de hoje tem relação com um reexame de seus papéis em todos os âmbitos da vida, permitindo a revisão dos pressupostos, provavelmente, patriarcais assentados ainda atualmente no mundo, em muitos locais. Dessa forma, relega-se uma parte considerável da população mundial à obscuridade social (SCHULMANN, 2010, p. 212). Seria preciso rever resultados de pesquisas que mostram uma realidade distorcida da verdade, na qual as mulheres não tinham a devida participação social entre os grupos ancestrais (REED, 1980).

Apresentar as cenas de mulheres nas pinturas rupestres é como resgatar outra forma de vida social de mais de 10 mil anos atrás, na qual as pessoas, homens e mulheres viviam outra rotina que nos parece um tanto mais igualitária nas suas rotinas e afazeres comuns. Nessas imagens impregnadas e empregadas estão a nossa imaginação (WULF, 2013, p. 24-5) e também inventividade dos primeiros habitantes da terra brasilis.

Um motivo a ser identificado ainda é que as mulheres foram e são, ainda hoje, detentoras de saberes e conhecimentos que os homens, na verdade, desconhecem (WRANGHAM, 2010) e/ou não sabem tão bem quanto. Em especial saberes sociais, sobre as relações socioculturais. Como chamam a atenção os Daribi, grupo étnico da Papua Nova Guiné (WAGNER, 2010), quando nos contam que as mulheres são as cozinheiras dos maridos. Já entre os solteiros, cada um tem que “dar seu jeito” para não passar fome, pois caso não consigam passarão fome (LÉVI-STRAUSS, 1982). Esse fato não é um machismo, é, ao contrário, demonstração de total dependência dos homens para os saberes e conhecimentos acumulados durante milênios pelas mulheres e que precisam ser reconhecidos, admirados, apresentados e apreciados.

Depois dessa digressão a respeito da História, Arqueologia, das pinturas rupestres, apresentamos a discussão de como aparecem o feminino e ou as mulheres em algumas das cenas rupestres da região.





OS ANTROPOMORFOS FEMININOS NAS CENAS RUPESTRES PIAUIENSES

As mulheres integrantes dos bandos primitivos, provavelmente, tiveram papel crucial na formação e no desenvolvimento do conhecimento ancestral. Trabalhavam entre si e também com os homens e o faziam em benefício de todos (JUSTAMAND, 2012, p. 91). Dividiam o resultado dos trabalhos em uma base igualitária (REED, 1980, p. 10). Nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara, existem cenas rupestres de “mulheres” aparentando gravidez, em posições de parto, parecendo amamentar ou em relações de sexo. Existem também as cenas de danças que podem ser remetidas a co-participação das mulheres juntamente aos homens, visto que as cenas de dança, em sua maioria, não apresentam as genitálias dos partícipes. Há ainda indícios etnológicos de que algumas cenas de humanos dançando são representações das mulheres indígenas em um ritual e ou cerimonial, como se faz ainda hoje (BASTOS, 2010, p. 64-5).



Toca do Baixão da Vaca, Serra da Capivara, Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Cena de sexo com mulher grávida.

Parece-nos que as mulheres tinham papéis sociais na religiosidade e na vida cotidiana. Segundo Simone de Beauvoir, causavam nos homens primitivos uma veneração que se misturava ao receio que se refletia nos seus cultos. A mulher encarnava, para o homem, o aspecto desigual da natureza. Os filhos vinham-lhe como presentes sobrenaturais. Os enigmáticos fluxos do corpo da mulher consentiam trazer a este mundo os tesouros que jaziam no fundo das nascentes da vida. Por isso as figuras de “mulher” da época das cavernas eram usadas como objetos de culto e magia. Elas não representavam pessoas, personificavam mistérios (BEAUVOIR, s/data).





Entretanto, a essas mulheres nunca foi dado o devido valor, tanto que elas pouco aparecem nas pinturas rupestres de São Raimundo Nonato. Nas cenas de partos e de sexo, contudo, suas imagens transmitem sensações como respeito e temor. Além disso, é preciso lembrar que nem sempre é possível determinar o gênero das figuras, pois muitas vezes, os genitais não eram pintados, como já mencionado acima.



Toca da Chapada dos Cruz, Cena do Parto. (Serra da Capivara)

Pelo fato de terem a responsabilidade materna, as mulheres, ao contrário do que muito se escreve, eram investidas de poder e prestígio nas comunidades primitivas. A maternidade não era vista como um momento de sofrimento ou que simbolizava a inferioridade do gênero (REED, 1980, p. 34). Tinham papel importante no seio das sociedades primitivas, impedindo a tirania sociocultural ou econômica dentro dos grupos (JUSTAMAND, 2010, p. 94).



Toca da Pedra Preta I, Serra Branca, Parque Nacional da Serra da Capivara – PI. Cena de cuidados familiares.

Carleton Coon listou afazeres específicos das mulheres, como cozinhar, conservar a família aquecida, gerar fibras para a confecção de cestos, curarem doenças, aliviar dores e usar o carvão (COON, 1960, p. 107). Há ainda inúmeros afazeres feitos pelas mulheres registrados na história humana. Alguns dos afazeres descritos por Jean Auel, em seus romances que versam





sobre a pré-história da Europa, mas que podem ser, por analogia, os mesmos em terras brasileiras (AUDEL, 2008). Ainda assim, acreditamos que o papel das mulheres iria muito além desses domésticos listados por Coon, elas tinham realmente outra condição de vida diferente da que têm as suas representantes atualmente, ao menos em sua maioria.

Elas, possivelmente, desenvolveram o conhecimento da vida local sendo responsáveis, indiretamente, pela domesticação dos animais (REED, 1980, p. 36). Também contribuíam com a alimentação, proporcionavam a base alimentar de muitos grupos (SAHLINS, 1978), obtendo vegetais, raízes e frutos, fontes mais seguras do que a carne (JUSTAMAND, 2012, p. 95). As mulheres tinham no conhecimento do cozimento e da alimentação, que é algo muito restrito a elas (WRANGHAM, 2010), um potencial único para manter e conservar o grupo unido.



Toca do Baixão da Vaca, Serra da Capivara, Parque Nacional da Serra da Capivara – PI. Cena da coleta do mel. Coletar é um trabalho essencialmente feminino.

Herbert Wendt lembra que na Europa havia, pintados em vermelho sobre o fundo amarelo, homens correndo caçando com arcos e flechas; mulheres com saias em sino, dançando em volta de um boneco masculino; animais empinando-se, enquanto flechas voavam na sua direção; ao lado de carreiros de animais de caça espreitava uma figura extremamente vigilante e tensa: o caçador com sua nova arma e maravilhosa, o arco flexível (WENDT, s/data).

Em São Raimundo, é comum ver cenas de antropomorfos caçando e de animais sendo atingidos por lanças ou mesmo correndo em bandos. Não temos certeza de que todas as cenas retratam apenas homens caçando. Parece-nos que as mulheres participavam ativamente das ações sociais em iguais condições que os homens. Além de desenvolverem e realizarem seus





afazeres elas ajudavam os homens em seus próprios afazeres. Eram participes interagindo nos eventos cerimoniais exercendo, talvez, funções dentro dos rituais religiosos (AUDEL, 2000).



Toca da Fumaça, Serra da Capivara, Parque Nacional da Serra da Capivara – Pl. Humano caçando.

A vida das primeiras habitantes brasileiras, provavelmente, era parecida com as mulheres de outros locais do mundo: arranjavam as refeições mantendo a história grupal, interagiam nas decisões dos grupos, compartilhavam das cerimônias religiosas, cultivavam relações sexuais e tinham seus filhos, renovando o grupo e multiplicando a espécie. Alguns desses aspectos sociais, culturais e íntimos foram plasmados nas rochas brasileiras (JUSTAMAND, 2010, p. 96), testemunhando o cotidiano ancestral (MARTIN, s/data).

Nas pinturas rupestres de São Raimundo Nonato, há cenas de humanos vestidos e com adornos nas cabeças (JUSTAMAND, 2012, p. 99). Há, ainda, cenas de antropomorfos desmanchando animais, tirando-lhes o que podiam. Inúmeras são as cenas de caçadas, provavelmente, para que essa carne alimentasse o grupo (JUSTAMAND, 2010, p. 96). Mas poucas dessas cenas ou nenhuma delas está determinada a sexualidade, muito menos o gênero. Assim, as mulheres poderiam ter ajudado nas caçadas ou mesmo terem feito suas próprias caçadas, além de terem feito suas próprias armas (ADOVASIO *et al*, 2009, p. 240).

O feminino faz a diferença

Friedman (1960) lembra que era possível que as mulheres, em terras hoje europeias, trabalhassem muito em suas tarefas diárias, domésticas, curativas, domesticando animais e/ou ainda coletando. Além de cozinhar, havia sempre muito serviço a executar. Peles de raposa deviam ser raspadas, amaciadas e cortadas como vestimenta (AUDEL, 2008). Corante vermelho mineral devia ser esmagado para encher os potes de carmim e dentes de raposa deviam ser enfiados como colares. Em verdade, não havia tempo para ficar à toa (FRIEDMAN, 1960, p. 95).





Entre os grupos Clóvis, nos EUA, as mulheres possivelmente indicavam quando era a hora de partir de um determinado local para outro. Estavam envolvidas com a administração e o abastecimento de suas residências diariamente. Então tinham a noção da escassez perto dos locais onde habitavam naquele determinado momento e que seria necessária a busca cada vez

mais longe para se conseguir lenha e/ou a alimentação (ADOVASIO *et al*, 2009, p. 235).

Já em território brasileiro, parece-nos que as mulheres trabalhavam pelo grupo e tomavam parte ativamente da coletividade em que viviam. Como as mulheres de outros locais do mundo, em terras ameríndias não eram meros receptáculos dos desígnios naturais. Também não eram apenas mensageiras dos póstumos entes dos grupos, elas eram sim lutadoras, incentivadoras políticas e influentes nessas sociedades (JUSTAMAND, 2010, p. 97).

MUTUALISMO ANCESTRAL

As diferenças entre os gêneros eram pequenas, parece-nos, mas determinava, de toda forma, quem ficava com as crianças e quem praticava as atividades externas, por exemplo. Enquanto que nos casos de gravidez e amamentação não havia como negar a exclusividade feminina. Assim, às mulheres cabia, em grande medida, a colheita de vegetais nutritivos e a captura de pequenos animais, além de cuidar do acampamento e do fogo. Aos homens eram legadas as tarefas de caçar, proteger o grupo (NARR, 1977, p. 21) e a realização dos cerimoniais.

Sabe-se que todos esses afazeres poderiam ter sido divididos, e/ou feitos em conjunto (menos, é claro, a amamentação natural e a gravidez), conforme atestam as pesquisas etnográficas com tribos dos EUA, por exemplo, onde existe uma flexibilidade em definir os papéis de gênero. Assim, os paleoíndios, de forma geral, em todo o continente americano, podem ter organizado seu cotidiano de modo indefinido a priori (ADOVASIO *et al*, 2009, p. 237).



Toca do Baixão do Perna V. Cena de amamentação. (Serra Talhada)





Os fatores determinantes para que as mulheres ficassem em “casa” não impediram que desenvolvessem um aspecto muito importante para a vida dos grupos, a domesticação de animais fato que ocorreu graças, provavelmente, a proximidade das mulheres em seus habitats com os pequenos animais. Pode-se acrescentar a isso os impulsos maternos e os cuidados

transmitidos pelas mulheres e ainda o fato das crianças entrarem em contato com os filhotes que traziam para perto dos acampamentos, por exemplo, enquanto brincavam e/ou o próprio interesse dos animais nas comidas fáceis dos grupos ancestrais, ali disponíveis. Ou ainda, supostamente, os pequenos animais que teriam vindo acompanhando os homens (REED, 1980, p. 36) ou por elas mesmas. Para nós, nem a amamentação, representada no registro rupestre acima, impediu a inserção especial e contundente das mulheres na vida sociocultural e cotidiana da época.

As meninas, nas sociedades primitivas, provavelmente, tornavam-se mulheres na primeira menstruação. A própria índole humana desvendava-lhes seu amadurecimento, enquanto que para os homens eram imprescindíveis cerimônias, ritos e mitos. Para formar-se mulher, elas mesmas dissimulavam com a sua própria natureza. Dessa forma, concediam-se às mulheres os nascimentos e as garantias iniciais de nutrição a todos (CAMPBELL, 1990, p. 87).

No PARNA, algumas representações femininas foram feitas em tamanhos maiores que a dos homens, o que mostrava, talvez, uma grande valorização do gênero feminino nessas sociedades. Como fora na cena do parto, algumas páginas atrás. As mulheres, as árvores e os animais eram responsáveis pela multiplicação, pela sobrevivência da espécie. Assim, tinham, ao que tudo indica, respeito dentro das comunidades chamadas, preconceituosamente, primitivas (COSTA, 2003, p. 167). Além de serem responsáveis, muitas vezes diretamente, pela sobrevivência do grupo, as mulheres colaboraram na coleta, na conservação dos alimentos e em sua preparação. Desenvolveram também as técnicas do curtume e as da conservação das peles (REED, 1980, p. 43).

Nas pinturas rupestres do Piauí, a indicação da genitália masculina ocorria de formas diferentes das femininas e em outras posições (JUSTAMAND e FUNARI, 2014). Para a genitália feminina, os artistas usavam um semicírculo ou um círculo, mas raramente era apresentado, o comum era aparecer o ventre de forma proeminente, como no caso das grávidas (MONZON, 1982).





Os Iroqueses, grupo indígena Canadense, exemplificam a importância das mulheres para todos os grupos ancestrais. Para eles, não considerar os conselhos femininos era uma ofensa. Elas eram reconhecidas como as donas da terra e responsáveis pela geração da vida de todos, por isso eram veneradas (REED 1980, p. 67).

Embora a educação, no geral, ficasse a cargo das mulheres, o ensino da caça cabia aos homens. Para Reed, o ato de caçar era educativo, pois propiciava um ótimo exercício para o corpo e a mente. Caçar estimulava a cooperação, o autocontrole, a agressividade, a engenhosidade e as invenções. Ou seja: caçar foi uma grande escola para a formação dos grupos humanos (IDEM, p. 43). Existe a possibilidade de as mulheres terem sido caçadoras e ou participado das investidas em busca da carne (AUDEL, 1982), como nos mostram algumas pesquisas etnográficas (SILVERWOOD-COPE, 1990) e, ainda, as caçadas poderiam ter sido, exclusivamente, também de papel feminino em muitos grupos (ADOVASIO *et al*, 2009, p. 240).



Toca do Alto do Fundo da Pedra Furada, Serra da Capivara, Parque Nacional da Serra da Capivara – PI. Cena de caça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maior busca, nesse artigo, foi oferecer uma decifração do mundo ancestral no que diz respeito ao mundo das relações entre o feminino e o masculino nas representações rupestres. Acreditamos que é preciso desfazer as noções de fronteiras, de periferia e de centro (AUGÉ, 2010, p. 84), da importância de cada local para a formação da ciência mundial; propondo com essa assertiva que, desde tempos imemoriais temos conexões intelectuais entre os mais diversos e diferentes locais do mundo. Está mais do que na hora de aceitar outros escritos, outros pensares, outros olhares, outras formas de ver as ciências: as sociais, as humanas, as exatas e/ou biológicas. A interdisciplinaridade é uma saída para as novas e futuras reflexões analíticas.

Outras formas de ver precisam também ser aceitas. Procuramos, nesse artigo, divergir das posturas preconceituosas sobre quem sabe e quem não sabe, quem faz ciência, por que e onde. Aceitamos literaturas para ajudar a pensar sobre o tempo ancestral, por exemplo. Usamo-nos de





etnografias para comparações entre os vestígios dos tempos imemoriais e acontecimentos do presente.

As pinturas rupestres do Piauí podem contribuir para a decifração do mundo de ontem e de hoje. Analisá-las pode, inclusive, contribuir para ampliar e amplificar as suas relações históricas e os saberes sobre o mundo ancestral, mostrando que os grupos que habitavam antigamente as terras brasileiras tinham suas “vozes”, de alguma forma, plasmadas nas rochas. E ali deixaram inscritas relações, histórias, fantasias, sonhos e temores.

Mostramos que as mulheres de muito antes de 1500 foram lutadoras e fizeram a diferença dentro de seus grupos. Partilharam, colaboraram, cooperaram e desempenharam um papel importante nos grupos de caçadores e coletores. Foram de fundamental importância em muitas ações socioculturais como: nas caçadas, nas coletas, nas andanças, na administração social e na educação dos entes queridos.

Buscamos entender a vida dos primeiros habitantes do país, em especial os detalhes explicativos e relacionados com as mulheres. Esperamos que esses detalhes possam ser exemplos para a vida atual para pensarmos, enquanto sociedade, em políticas sociais que sejam mais contundentes voltadas às mulheres. Entende-se que é possível examinar a criatividade dos nossos ancestrais e, a partir daí, encontrarmos detalhes úteis em nossas culturas de hoje (WAGNER, 2010, p. 208).

A presença feminina nas cenas rupestres com suas participações sociais não era fortuita e tinha, sim, motivo. Era graças ao respeito, lembrado por algumas tribos, que, provavelmente, as mulheres detinham, contribuía, efetivamente, para a manutenção da vida em grupo.

Temos como certo que esse é papel de nossas pesquisas acadêmicas, cada vez mais revelar modos de vidas, sujeitos históricos, relações que nos auxiliem a entender melhor a sociedade humana. Nesse artigo buscamos, por intermédio das pinturas rupestres e suas representações do feminino, derrubar os preconceitos contra as mulheres, que apesar dos caminhos da história, ainda persistem. Se esse estudo colaborar nessa luta, já será uma grande conquista!





REFERÊNCIAS

- ADOVASIO, J. M.; SOFFER, Olga e PAGE, Jake. Sexo invisível: o verdadeiro papel da mulher na pré-história. Trad. Hermano de Freitas. Rio de Janeiro: Record, 2009
- AUEL, Jean M. Ayla a filha das cavernas. Vol. 1 da saga Os filhos da Terra. Trad. Maria Thereza de Resende Costa. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.
- AUEL, Jean M. O vale dos cavalos. A saga emocionante de uma mulher que mudou o destino da humanidade. Trad. Maria Thereza de Resende Costa. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- AUEL, Jean M. Os caçadores de mamutes. Vol. II. A saga dos filhos da terra. Trad. Sophie Penberthy. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2000.
- AUGÉ, Marc. El oficio de antropólogo. Sentido y libertad. Trad. Iñaki Ogallar. Barcelona: Gedisa, 2007.
- AUGÉ, Marc. Por uma antropologia da mobilidade. Trad. Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha de A. Barros. Maceió: edUFAL, 2010.
- AVELINO, Yvone Dias & FLÓRIO, Marcelo. Polifonias da cidade: memória, arte e cidade. São Paulo: D'Escrever, 2009.
- BASTOS, Solange. O paraíso é no Piauí. A descoberta da arqueóloga Niède Guidon. Rio de Janeiro: Família Bastos, 2010.
- BEAUVOIR, Simone de. Apud WENDT, Herbert. A procura de Adão. Trad. João Távora São Paulo: Melhoramentos, s/data.
- CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CANEVACCI, Massimo. Antropologia da comunicação visual. Trad. Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- COON, Carleton S. A história do homem. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.
- COSTA, Zozilena de Fátima Fróz. Uma inscrição de mundo a flor da pedra: os processos de comunicação dos povos pré-históricos através da pintura do Parque Nacional da Serra da Capivara (PARNA), Piauí – Brasil. Tese (doutorado em Comunicação e Semiótica) PUC-SP, 2003.
- DECLARAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS. In: Direitos dos povos indígenas. OELA, Unicef, COIAB. Assembleia Geral da ONU, 13 de dezembro de 2007.
- FRIEDMAN, Estelle. A formação do homem. Trad. Almira Guimarães. Rio de Janeiro: Fundo de





Cultura, 1960.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Os desafios da destruição e conservação do patrimônio cultural do Brasil. In: FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Arqueologia e Patrimônio. Erechim: Habilis, 2007.

JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina & SCHULMAN, Norma. O que é, afinal, Estudos Culturais? Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Autentica, 2010.

GOSDEN, Chris. Pré-história. Trad. Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: LPM, 2012.

JUSTAMAND, Michel e FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Representações da sexualidade e dos falos: nas cenas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí muito antes de 1500. Revista Sodebrás. Vol. 9, n. 99, março de 2014.

JUSTAMAND, Michel. As “mulheres” de São Raimundo Nonato – PI: cenas rupestres do feminino. In: JUSTAMAND, Michel e MENDES, Lilian Marta Grisolio (org.). História e representações: cultura, política e gênero. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2012.

JUSTAMAND, Michel. O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – PI. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

JUSTAMAND, Michel. Comunicar e educar no território brasileiro: uma relação milenar. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2012.

KLEIN, Richard G. & EDGAR, Blake. O despertar da cultura. Trad. Ana Lúcia Vieira de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude. As estruturas elementares do parentesco. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982.

MARTIN, Gabriela. Amor, violência e solidariedade no testemunho da arte rupestre brasileira. Revista Clio do Mestrado em História da UFPE. Recife: EDUFPE, s/data.

MONZON, Susana. A representação humana na arte rupestre do PI: comparações com outras áreas. Revista do Museu Paulista. Nova série, vol. XXVIII. São Paulo: EDUSP 1981/82.

NARR, K. J. Contribuições da pré-história para o conhecimento da natureza humana. In: GADAMER, H. G. e VOGLER, P. Nova Antropologia: o homem em sua existência biológica, social e cultural. Coord. Egon Schaden. São Paulo: EPU-USP, 1977.

REED, Evelyn. Sexo contra sexo ou classe contra classe. Trad. Malú Maranhão e Elisabeth Marie. São Paulo: Versus, 1980.





SADER, Eder. Sobre classes populares no pensamento sociológico brasileiro (notas sobre acontecimentos recentes). In: CARDOSO, Ruth (org.). Aventura antropológica. Teoria e pesquisa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

SAHLINS, Marshall. A primeira sociedade da afluência. In: CARVALHO, Edgard de Assis. (org.) Antropologia Econômica. São Paulo: Livraria editora Ciências Humanas, 1978.

SILVERWOOD-COPE, Peter. Os Makú. Povo caçador do nordeste da Amazônia. Brasília: UNB, 1990.

WAGNER, Roy. A invenção da cultura. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WENDT, Herbert. A procura de Adão. Trad. João Távora. São Paulo: Melhoramentos, s/data.

WRANGHAM, Richard. Pegando fogo: por que cozinhar nos tornou humanos. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

WULF, Christoph. Homo Pictor. Imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. Trad. Vinicius Spricigo. São Paulo: Hedra, 2013.

